
Acto Falho é um informativo mensal produzido pelos alunos que participam da comissão de Publicação do Departamento de Formação em Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae. A comissão editorial e equipe de produção são compostas por Monica Salgado, Marília Stabile, Vera Vassilieff, Ilka Nakamura, Sílvia Bumlai, Marina Fibe de Cicco, Beth Sandin e Plínio de Sousa. Se você quiser mandar artigos, sugestões, fazer comentários, solicitar cancelamento ou tiver problemas no recebimento do informativo eletrônico mande seu e-mail para actofalho@sedes.org.br

EDITORIAL

O Acto Falho de setembro destaca a memória. O Sedes faz 30 anos e Vera Vassilieff nos traz o clima da festa que marcou o início das comemorações. O Acto Falho, versão newsletter, em sua sétima edição, faz lano de vida e Ilka Nakamura conta um pouco da história. Uma história que começou em 1996, com os colegas Luis Aragon, Lucianne Sant'Anna de Menezes e Ruberval Gozzo. Marina Fibe conseguiu entrevistar os dois primeiros fundadores, ficamos devendo o Ruberval. Mas, já sabemos que não se pode ter tudo. É aquela história... da incompletude. Sabemos, mas, o “não me conformo”, está sempre presente, ensina Emir Tomazelli quando foca o narcisismo destrutivo em entrevista. É de um outro narcisismo, o estruturante, o texto de Telênia Hill. Estrada para a criação objetiva e articuladora. E como prova desse poder, aproveite as indicações de nossa agenda cultural e de eventos.

30 ANOS DO INSTITUTO “SEDES SAPIENTIAE”

POR VERA VASSILIEFF

“O Instituto SEDES Sapientiae foi idealizado “como um espaço aberto aos que quiserem estudar e praticar um projeto para a transformação da sociedade, visando atingir um mundo onde a justiça social seja a grande lei”.

Madre Cristina

No dia 25 de agosto foram iniciadas as comemorações dos 30 anos de fundação do Instituto “Sedes Sapientiae” com um Café da Manhã que transcorreu num clima animado de confraternização, conforme mostrado pelas fotos. Compareceu um número expressivo de professores e alunos do Departamento Formação em Psicanálise, entre muitas outras pessoas dos demais Departamentos. Notou-se a presença da Professora Cristina Perdomo, ora à frente do nosso Departamento, que tem acompanhado de perto a trajetória do Departamento no SEDES, pois fez a sua formação em Psicanálise neste Instituto na década de oitenta e nele continuou como docente. Um dos pontos alto desta reunião foi a fala pausada, criteriosa e serena da Irmã Laura Fraga de Almeida Sampaio que discorreu sobre o percurso do SEDES desde seus momentos pré-históricos, sua fundação e o cumprimento do seu importante papel educativo e político-social seguido até os dias atuais. A Irmã Laura se dispôs a ceder o seu texto para publicação, dando assim oportunidade para que todos possam compartilhar do seu conteúdo. Foi um momento intenso da festa quando, ao terminar seu discurso, ela foi aplaudida por longo tempo como demonstração da emoção que tomou conta da platéia.

E nem poderia ser diferente uma vez que a história do SEDES é rica por estar entrelaçada com a do nosso país desde a sua fundação em 1977 até o presente, sendo o entrelaçamento mais acentuado nos momentos escuros da ditadura que se abateu sobre o nosso País. Tal se deve à marca que este Instituto recebeu desde o seu nascimento pelas idéias de sua “mãe” fundadora a Madre Cristina, que lutou sem descanso pela liberdade, pela igualdade de direitos e pela transformação social do Brasil. Os frutos das idéias da Madre Cristina podem ser constatados pelos painéis que recobrem as paredes dos corredores do SEDES e que foram inaugurados no dia do início das comemorações e permanecerão dando oportunidade para que todos possam tomar consciência de como as atividades do SEDES são transformadoras da nossa sociedade.

Através dos painéis, pode-se perceber que o SEDES vem ocupando uma posição fundamental na formação de recursos humanos nas áreas da saúde e da educação sem perder de vista a continuidade da luta pelos direitos humanos e políticos. E lá está o nosso painel, Departamento de Formação em Psicanálise, com os rostos alegres de nossos professores e as capas de nossas publicações, entre elas o Acto Falho, reafirmando a continuidade do ensino e da geração e publicação de conhecimento em Psicanálise.

E-mail: veravassilieff@ajato.com.br

A fundação do Acto Falho: 1996

POR MARINA FIBE

- Como surgiu a idéia de produzir o Acto Falho? Havia algum objetivo maior que o Departamento procurava atingir com a publicação?

LUIS EDUARDO: A idéia do Acto Falho não surgiu inicialmente como demanda do Departamento. Eu [Luis Aragon] e o Val [Ruberval Gozzo] iniciamos por nossa conta um jornal de classe. Era um jornal que elaborava de maneira divertida e cômica - às vezes quase impublicável - as tensões vividas pela turma. Creio que a tensão de entrar em contato com o campo teórico psicanalítico de uma forma mais determinada, séria, fazia com que a atmosfera das aulas fosse muitas vezes bem pesada e a publicação do jornal desempenhava uma função de descontração e de aproximação dos alunos entre si e destes com os professores. Havia piadas e apelidos, satirizávamos diversas situações de classe, as próprias teorias, alunos, professores, autores e etc..

LUCIANNE: Nessa época, eu entrei na turma do Edu, pois tranquei o curso por um ano e fui matéria do jornal!

- Após a decisão de se publicar o jornal, como se formou a primeira equipe de produção? Esta equipe era composta só por alunos? Como os membros chegavam a ela?

EDUARDO: Após esta fase inicial, interrompemos o jornal. Passado algum tempo o Zé Carlos nos convidou para fazer um Jornal para o Departamento. Neste momento a Lu [Lucianne Sant'Anna] juntou-se a nós. Por um bom tempo fomos nós a equipe.

- Inicialmente, o Acto Falho era direcionado a quem? Qual era seu público-alvo?

LUIS EDUARDO: Tínhamos uma grande liberdade para conceber o projeto de trabalho. Imaginamos formar um meio de comunicação entre os integrantes do Departamento, mais voltado aos alunos, e que não podia ser ocupado pelo Boletim, com pequenos textos, informativos e etc..

LUCIANNE: Acho que o principal objetivo do ACTO FALHO era proporcionar um espaço para os alunos se expressarem: suas idéias, trabalhos, emoções e fazer circular tudo isso.

- Como se dava o processo de produção do Acto Falho? Com que recursos a equipe publicava, e de onde surgiam as idéias de pautas/artigos? Os autores dos artigos procuravam a comissão do jornal ou a comissão ia atrás deles? Por último, quem eram os autores (alunos, professores...) e qual era o critério de inclusão dos artigos (caso houvesse algum)?

LUIS EDUARDO: Muitas perguntas numa só! A produção se dava em grande parte na chopperia Cristal, após as aulas. Buscávamos com alunos, professores e outras entidades psicanalíticas todo o tipo de colaboração e informações. Fora o clima descontraído e de amizade que permeava a elaboração do jornal - visitado de vez em quando por alunos e professores-, o trabalho era extremamente difícil. Não conseguíamos textos e acabávamos sendo chatos na insistência das cobranças de colaborações prometidas. Não queríamos deixar de publicar. Lembro-me de uma boa dica do Emir (Emir Tomazelli), o qual já havia passado por esta experiência antes. Ele disse algo como: “se não há material façam ele vocês mesmos”. A partir daí pudemos ser menos chatos e mais produtivos. Por princípio, não censurávamos nenhuma contribuição, o jornal era um lugar de expressão e não de validação de algum saber, a censura se limitava a questões pessoais de cada um.

LUCIANNE: Isso mesmo! Eu e o Edu escrevemos, praticamente, em todos os números! Criamos o ‘fique de olho’ em que assinalávamos dicas de eventos... Dava trabalho mesmo, não só pela falta de artigos, mas também de dinheiro. Em alguns números fizemos até propagandas de estabelecimentos comerciais que nos ajudavam com patrocínio para o jornal. Mas tudo valeu muito a pena; foram muitos momentos ímpares juntos; muitas conversas, choppes e... Tudo de bom. Foi de tantos papo que fizemos grupos de estudos juntos escreve e saiu o germe da minha tese, por exemplo!

- Pensando que você era membro da comissão, como sentia, na época, a reação das pessoas ao lerem o Acto Falho? Havia um retorno dos membros do departamento em relação ao que fora publicado (comentários, sugestões, críticas etc)? Vocês sentiam interesse, por parte dos membros, em ter e manter a publicação?

LUIS EDUARDO: Esta questão é bem subjetiva e penso que cada um de nós iria respondê-la de uma forma diferente. Para mim, a receptividade se mostrava flutuante. Mas por acreditarmos no trabalho e por gostarmos dele em grande parte criamos uma condição de diálogo e troca com a comunidade sem ficarmos muito apoiados no retorno.

LUCIANNE: Concordo com o Edu; mas, acho que o jornal não morreu por insistência nossa, tanto que ele ficou uns anos sem publicação; depois que o deixamos algumas pessoas assumiram, continuaram com os mesmos problemas e...

- Por que o Acto Falho deixou de ser publicado, após a primeira série de edições?

LUIS EDUARDO: Talvez a melhor resposta seja a winnicottiana, ou seja, que após algum tempo entramos em uma fase de esgotamento natural, outros interesses, outro momento. Algumas pessoas como a Margareth foram assumindo nosso posto e tentando dar continuidade ao projeto.

LUCIANNE: Exatamente. Foi como disse antes.

- Pensando na sua atuação como membro da comissão do Acto Falho, o que foi o jornal, para você? Como foi ter participado de sua primeira publicação e o que a experiência deixou de interessante?

LUIS EDUARDO: Através da publicação do Acto Falho minha “qualidade de presença” no Departamento e meu engajamento no processo de formação - que é bem maior do que a simples aquisição de conhecimento - foi muito “encarnado” e vivido visceralmente. A lembrança é boa e a sensação é melhor ainda.

LUCIANNE: O jornal foi uma vitória, um espaço de engajamento, um lugar de expressão. Uma marca fazendo parte da memória.

- Você gostaria de sugerir algo para o Acto Falho atual, levando em conta seu novo formato de newsletter?

LUIS EDUARDO: Não recebi o Acto Falho neste formato. Sugerir algo seria, quem sabe, arrogante de minha parte, para aqueles que estão se dispondo a enfrentar os combates jornalísticos. Prefiro pensar em, digamos, “agitações”, a partir do que, neste momento, for o movimento expressivo de vocês, que estão vivendo o complexo território afetivo do Departamento.

LUCIANNE: Sugiro que vocês continuem, invistam, insistam, inventem e criem. É muito gratificante ver que uma obra não morreu, além do fato do jornal ter se tornado bem moderno por conta desse novo formato. Só temos a agradecer!

EM NOME DA MEMÓRIA

POR ILKA NAKAMURA

O jornal Acto Falho desde sua primeira edição em setembro de 1996 até esta percorreu um bom caminho. É preciso dizer que foi um caminho com pedras e atalhos: a publicação ficou interrompida entre agosto de 2002 até março de 2006, quando uma segunda equipe fez o último Acto Falho que foi impresso, e uma nova interrupção aconteceu. Ficamos sem o jornal mais meio ano até vê-lo ressurgir como está agora, em newsletter. Ao completar um ano deste novo formato, talvez já haja perspectiva para avaliar o quanto foi percorrido até agora...Comemorar o feito e também fazer novos planejamentos, quem sabe com uma visão mais ampliada do itinerário.

Imagino que seja desnecessário dizer o quanto o primeiro ano exige em termos de adaptação. Não o período de um ano, mas o primeiro. O primeiro ano de um bebê: talvez nem os quatro anos “do formação” elucide toda modificação psíquica que ocorre neste período! Aliás, o primeiro destes quatro anos de estudo: sabemos quantas novidades encontramos durante o primeiro ano e o quanto elas nos mobilizam. São muitas as novidades para conhecer, contar, opinar...Logo, comunicar-se mais vai parecendo se tornar imperativo.

A história do Acto Falho, como vocês verão, tem muito a ver com este período de primeiro ano. E a história do Acto Falho-newsletter, também.

Foi sentindo a falta das duas horas de intervalo que a nossa turma tinha no primeiro ano que a Marília propôs um “cafezinho na cantina” depois da aula... E quem pôde ir falou da falta que fazia aquele intervalo para pôr a conversa em dia, faltava um meio de manter a comunicação também com aqueles que não podiam ficar depois da aula... Marília, Mônica, Veridiana, Vera, Luciana e eu continuamos a tentar resolver esta dificuldade. Telefonemas, lista de discussão, reuniões e pizzadas combinadas por e-mail não resolveram.

Demorou alguns cafés até que pudemos lembrar os convites que o José Carlos fazia a todos durante o primeiro ano: para integrar o departamento, as comissões, o Acto Falho...O Acto Falho! Foi quase uma formação de compromisso, um sintoma. Aceitar o desafio apresentado de voltar a imprimir o Acto Falho não foi difícil, mas realizar este desafio poderia levar o jornal de encontro a outros obstáculos que não saberíamos como transpor. Imprimir o jornal exigiria uma periodicidade insuficiente para os propósitos que tínhamos em mente...

Antes que pudéssemos desistir de seguir adiante, surge a Marília com a colaboração da Beth e do Plínio que integraram a equipe e viabilizaram esta opção de jornal. Hoje, o Acto Falho-newsletter possui a intenção de veicular uma apreciação psicanalítica dos temas que envolvem nossa época, divulgar eventos, publicações como também ser um canal de comunicação entre nós. Para saber como era antes o Acto Falho, é possível consultar todos os números já publicados na biblioteca, mas, recomendo acompanhar a entrevista que trouxemos com um dos fundadores do Acto Falho, os psicanalistas Eduardo Aragon e Lucianne Sant’Anna.

Narcisismo

POR TELÊNIA MARIA DE SENNA HILL

Algo a ver com um encontro inesperado. De repente, algo a ver... com o olhar. Algo a ver com encontrar, olhar e surpreender-se, de repente... Algo a ver com olhar e ver refletida... imagem. Algo a ver com uma superfície que reflete... luz. Espelho d’água, espelho... que reflete a luz da imagem. Ar, corpo com os pés na terra. Algo a ver com vida... refletida. Algo a ver com olhar e ver pela luz no ar uma imagem... reflexo. Encontro inesperado... encanto.

É preciso reconhecer-se para reconhecer... todo. Algo a ver com ser percebido, perceber e perceber-se, dar-se conta de um tudo, de um todo, uma imagem... Eu... encantado. Quase toco, dentro, preciso de limites precisos. Conter-me, só... Eu. Paro, para olhar e ver a imagem que me contém, vendo pela primeira vez quem pareço ser. O tempo que é, só, meu. O outro que eu olho me olha... encantado. Asseguro-me de que meu olhar vê e certo, pois há outro que me assegura de seu olhar para mim. Assim me constituo, pelo olhar... eu, pelo olhar... meu, pelo olhar do outro... para mim. Estou ali onde creio me ver, e onde me vejo olhado. Pareço ser.

Por que terá Freud tomado o nome do personagem do mito para identificar um conceito fundamental de seu arcabouço

teórico? Das várias versões, ele escolhe aquela em que um jovem e belo mancebo, ao dar com sua imagem refletida em um espelho d'água, cativa-se dela ao ponto de enamorar-se e desejar ir ao seu encontro, com ela fundir-se. Afoga-se em si ou, ao mergulhar em si, renasce como uma bela flor, de inebriante perfume?

Fui ao livro *Mitologia Grega*, de Junito de Souza Brandão (1987, vol. II, p. 173, 174): “Comecemos pela etimologia. Nárkissos, o nosso Narciso, não é palavra grega. Talvez se trate de um empréstimo mediterrâneo, quem sabe, da ilha de Creta. De qualquer forma, do ponto de vista etimológico, temos o elemento nárke que, em grego, significa entorpecimento, torpor, cuja base deve ser o indo-europeu nerg, encarquilhar, estolar, morrer. (...) Relacionando-se, depois, com a flor narciso, que era tida por estupefaciente, nárke será a base etimológica de nossa palavra narcótico e de toda uma vasta família com o elemento narc-. (...) várias associações se poderiam fazer com a flor narciso: ela é bonita e inútil; fenece, após uma vida muito breve; é estéril; tem um perfume soporífero e é venenosa, tal qual o jovem Narciso, que, carente de virtudes masculinas, é estéril, inútil e venenoso. (...) Narcisos plantados sobre túmulos, o que era um hábito, simbolizavam o sorvedouro da morte, mas de uma morte que era apenas um sono. (...) Uma vez que o narciso floresce na primavera, em lugares úmidos, ele se prende à simbólica das águas e do ritmo das estações e, por conseguinte, da fecundidade, o que caracteriza sua ambivalência morte(sono)-renascimento. Na Ásia, é símbolo da felicidade e expressa os cumprimentos do Ano Novo, isto é, de um ano que sucede ao sono do ano velho.”

Da experiência do caos de si à ilusão do todo da imagem.

Como se descobre em si algo de uma unidade?

Pulsão. Impulso, o que impulsiona, o que pressiona, o que faz trabalhar o psiquismo, o que o cria. É preciso dar curso, abrir caminhos ao fluxo. Prazer de órgão. Descarga em partes, nas partes, zonas erógenas. Cada uma por si, cada uma no seu próprio tempo. Vale tudo, per...ver... são polimorfa. Personagens em busca de um autor. Fora, autores, que olham, tocam, falam o bem(mal?)-vindo, sonham aquele que acabou de chegar. Maturação de sistemas. As coisas vão se ajustando. Eu desejo, tu desejas, ele deseja o desejo. Todos desejam. A pulsão não pára, move, remove montanhas, insiste. Auto-conserva ou sexualiza? Sexualiza o eu... E agora?

Depois do auto-erotismo, descobrindo os limites que o outro me descobriu, podendo olhar e ver o que o outro me olhou, eu me olho. Assim, o que corria em tantas direções reflui; tudo o que vai, retorna; eu retorno a mim sem ter ido, algo de mim me investe, me veste, todo. Sou um para mim, e todos são um em mim, para mim eu o centro de tudo. Assim eu me constituo, necessariamente, narciso. Preciso da ilusão de ser todo para ver tudo como todos em partes. A pulsão de muitas partes agora me integra, eu me integro a mim, entrego-me. Vivo assim enquanto me permite a vida. Logo o tempo de renunciar para permanecer. Posso ou não, ir, passar, ultrapassar. Sempre com o outro, pelo outro, o outro... em mim. Afogo-me ou desabrocho-me.

Canso... eu. Passa o tempo. O outro passa de si para comigo, quer mais, cansa. O que veio, vai. O que centra, descentra. O que senta precisa caminhar, ir em frente, ser diferente. Posso ou não. E se não me viram, se não me foram nem me tocaram, se nada de mim disseram, senão me sonharam? Ou, se demais tudo fizeram? Fico, enredo que difere, fere. Enredo, permaneço, cativo do buraco vazio onde meu olhar se perdeu... lá onde o olhar do outro não estava. Afogo-me.

Canso...Quero ir, se me deixam. Sofro. Sexual, tudo aquilo o que a pulsão busca, tudo o que o desejo em mim persegue, sempre. Não posso querer... tudo, nem querer a mim... todo. Não posso querer tudo de todos, dois, ela e ele. Não posso... desejo mais que posso. Três de dois... eu. O paraíso perdeu-se, é preciso buscar o dia com o suor do rosto. Sofro, tenho medo, de não mais me ver, belo, no olhar de quem... desejo. É proibido... um, dois, dois em um, um de dois. Frustrado-me, se me deixam, só,

desejo. Sofro, mas desisto. Lá onde só me vejo o olhar permanece, mas é outro. Ameaçam cortar-me a carne ou deixar-me para sempre, só.

Um, dois, três... Já, lá vou eu, sendo tudo o que me ficou,

cicatrices do que passou, trago dentro todos,

um, dois... eu... três. Paz.

Meus pais se apaziguam, dentro. Quero ainda ser quem seus olhos brilharam, para sempre. Buscarei, para sempre, ser como fui e me cri perfeito e pleno. Foi-se, uma foice cortou o meu umbigo. Fui ver o mundo do outro lado da cerca. Meus pais estão no olhar que olho para lá de mim. Agora, olho para lá de mim e vejo, dois. Mas vejo mais, muitos parecidos comigo. Quem serão? Desejo vê-los. Desejo tê-los. Quem me dirão? Se os vejo com meus olhos, e os ouço com meus ouvidos, são-me? Talvez não, quero saber. Persigo o eu que foi no eu que desejo ser, com esses muitos que desejo ter... comigo.

Eu ideal... foi, sendo. Ideal de eu, será, em se fazendo, sempre. Como meus pais... Degluto, digiro, giro e... supereu, olhando, medindo, calmo ou irado, observando, querendo mando e desmando, sempre. Se bem afoguei-me, desabrocho-me, mas a custo. Como meus pais, outros olhos que olham por eles, e todos olham por mim. Aprendo a ler a lei de meu povo, culto, as histórias dos laços me vinculam desde há muito, à terra, ao ar, ao fogo, ao mar. Desabrocho-me sendo, renuncio para merecer e ousar o cio, lá, do outro lado da cerca que cerca o que não mais desejo, desejando, sempre.

Narciso fui, necessariamente, infância. Meu eu sexo, objeto de desejo, deles, os pais. Para eles. Mas, cresceu-me a vida e disse: Vai! E eu fui, desejando tudo ainda, dentro, infantil desejo, sempre. A infância se foi. De um, dois, três, fiz muitos, o mundo. Se desejo ainda, infantil ainda, dentro, desejo mais, e obedeço, desobedecendo quando posso, quanto posso. Gozo, mas me contento em gozar como posso. Renunciei para sempre. Paz. Aos pais um aceno. Posso ou não. Fui mas permaneço sendo e, assim, sou, ou, desabrocho-me.

Afogar-se ou desabrochar. Penso nos conceitos de André Green: narcisismo de vida, narcisismo de morte. O narcisismo é constitutivo, momento crucial em que a pulsão sexual toma o próprio eu como objeto de investimento amoroso. Primeira noção de si como um todo? Narciso eu porque valido o narcisismo dos pais projetado. Das pulsões parciais do auto-erotismo à pulsão que investe um objeto superinvestido. Mas é preciso fazer face aos interditos e, na melhor das hipóteses, haver-se com eles, ultrapassar o limite do afogamento. A infância cresce, mas o infantil permanece, desejos recalçados, pulsão que insiste, cisão que resguarda e guarda no inconsciente o proibido.

Se ao narcisismo segue-se um percurso edípico possível,

se a criança consegue se lançar para além de Narciso e de Édipo,

leva consigo as marcas e os rearranjos necessários para se fazer outro.

Para além do narcisismo, Freud descobriu as pulsões de vida e de morte, restaurou sua dualidade, a oposição de forças que se complementam para girar a vida ou se dissociam para suprimi-la. Como a pulsão de vida chega a predominar? Como o desejo de desejo chega a querer mais que o desejo de não desejo?

Se o eu ideal não der lugar ao ideal de eu, se os pais não forem bem comidos, mastigados, e digeridos, se não restarem como

matrizes identificatórias razoavelmente harmônicas, o narcisismo permanecido mata ou maltrata. Afoga em si tudo de si, não permite ver além de si, e do outro não mastigado, não digerido em si, voz de mando que aliena. Obesidade psíquica. Para desabrochar e recender é preciso morrer, fazer morto o rei que teve seu trono. Usar o próprio cetro e transformá-lo em varinha de condão, transformar-se, de rei em sapo. De Narciso em Édipo, de Édipo em ... reinventar-se.

e-mail: telmshill@yahoo.com

Andromedário

POR EMIR TOMAZELLI

(Dedico este textoema para o Dr. José Carlos Garcia)

I -

Uma galáxia peluda e quadrúpede!? Ela vaga pelas trilhas do tempo-espaço sem dizer para onde vai, sem dizer uma só palavra, mascando o dia. É a mãe ausente

É a mãe em sua ausência.

Origem da vida e dos cobertores forrados que nos aquecem nas noites frias.

Viagem ao cosmo-cocorva, ao cosmo-carverna de onde se vê o que está ocorrendo no veloz impulso de ir ficando parado: a vida é curta e lenta, desafortunadamente!

(essa vastidão sem começo!)

Ali está o lugar onde deus – homem sem origem - pousou a primeira vez que viu uma fêmea nua que lavava seus cabelos na água da fonte (ou na torneira do tanque do quintal coberto de zinco pra proteger minha avó quando ela lavava a louça e dava conta de embelezar-se antes de meu vô chegar; ela era linda, tinha um cheiro bom de arroz, azeite e louro.)

Deus é terra?

Não. Deus é nada. É alguém que se retirou de nós por amar-nos. Nos protegeu com sua ausência, nos protegeu de sua presença destru(cria)tiva!

Ensinou que o amor pode – certamente - matar.

ELE É apenas um desejo nosso de que exista alguma explicação possível...

As estrelas dos poetas já apagaram todas depois que a razão decidiu dar lugar aos burros e estúpidos apenas porque falam e sabem fazer troco.

(Somos ridículos. Estamos num beco sem saída! Os loucos nos governam.)

Desejo É fracasso. Ilusões são equívocos... E o que pode restar de nós depois que tudo foi explicado e se tornou fato.

Os pelos andromedários podem ser raízes,

Os cabelos nossos podem ser a continuação do interior de nosso cérebro; uma expressão fina e lisa ou ondulada ou encaracolada do que vai em nossas cabeças, que mastigam a fuligem deixada pela existência do oxigênio em decorrência da existência das cianobactérias.

Restos de rinencéfalo ainda geram o medo hipotalâmico que jamais poderá ser simbolizado em processos psíquicos.

II –

Vaga nau insana. Vaga corpo sem dono!

Vaga sexo sem gênero. Depois que somos todos agora não somos mais ninguém! Ufa.

Vaga lume eterno que perseguimos sem nunca encontrar origem e destino. Luz de vela que vaga para onde a vela que está ao vento vaga.

Fantasmas produzem fantasmas em nós. São nossos mortos que não dormem.

Abraços de amor geram fome, e as nuvens vagam ao sabor do vento que as empurra para o além dos possíveis iluminados.

Agora cães sem dono comem os restos do morto de ontem embrulhado nas notícias do jornal.

Que fazer quando somos pequenos e não sabemos nos explicar e menos ainda nos compreender?

Lagartixas no muro amam os insetos que dão moleza e viram almoço (e possível jantar) e comidinha para os filhotes que também serão devorados por bocas vorazes e auto-conservadoras de outros 'eus' que também têm fome, desejo e sede.

O ego é um vigia, só cuida de manter a unidade viva e ativamente ligada em si mesma.

- Mãe, onde estão as coisas boas que você me ofereceu, mas não disse onde eu poderia encontrá-las sozinho? Socorra-me. Não sei pra onde ir. Onde você está que nunca chega. Estou só, desesperado por ti que é para mim o que eu sou para mim. Onde estás? Não me deixe no desespero que é te amar e saber que posso não ter mais você porque minha mente não sabe que você vai viver muito e bastante bem, apesar de muito tristonha!!

Socorra-me, socorra-me de mim mesmo. Sempre serei só, e o escuro sempre estará a me espreitar, devorando-me pela mão que escapa da beirada da cama. O escuro fez de mim um ser imaginativo e o dia virou também mais escuridão, noite repleta de monstruosidad e; e eu nunca mais acordei porque você fugiu do meu sonho escondida, como sempre fez, quando ia embora de minha casa e não queria que meu filho chorasse a tua ida. Que dor que você me proporcionou e cujo remédio era somente você, tua presença.

Ah, meu deus! O cheiro de arroz, azeite e louro de minha avó talvez fosse o sinal de que você já não estava mais por perto.

III –

Assim tudo se foi e assim seguirá indo em seu ir lambuzado de aflições sem sentido. O mar logo ali.

A tristeza próxima da cabeceira, sempre a mão.

Sem ela não sabemos pensar nem ser.

A gigante constelação peluda agora cobre as mãos pequenas das crianças abandonadas pelos pais na mais tenra infância, e tudo fica aquecido e com cheiro de oriente, camelo, álcool e açúcar: é Andrômeda, é o andro-medo. Andrômeda: um enxame de estrelas; andro-medo: um enxame de medo! Andrômeda: ou a justa medida do homem! Andro-medo: é a justa medida do medo.

Os bichos, o deserto, e ali o escorpião deseja ferroar àqueles que não sabem sonhar e mentir, improvisando um arbusto onde possamos nos esconder em dias de vento e chuva. Do calor e da neve!

Viver sempre foi um adeus.

Querer bem o bem-querer também é um adeus.

Adeus é um bem-querer que se faz de querer bem...

Assim era então a andromedária viagem, assim são os gigantes que teremos que derrubar nas manhãs, antes do cheiro bom do café e do pão macio e ainda quente:

- “AHAH!”

IV -

Não posso evitar amar ao meu amor...

Não posso evitar...

17 de julho de 2007

e-mail: emirtomazelli@globo.com

EXPOSIÇÃO

A HORA DA ESTRELA

Foi prorrogada só até dia 14 de outubro a exposição de Clarice Lispector no Museu da Língua Portuguesa. Apressem-se! É imperdível! A Hora da Estrela – o nome da exposição – marca os trinta anos do lançamento do livro e também a morte da escritora que conseguia dizer o indizível. A produção de A hora da estrela demorou cerca de três meses e meio para ficar pronta, entre pesquisa e montagem da exposição, onde a curadora buscou apresentar uma síntese compreensível da obra da escritora. Em um dos ambientes duas mil gavetas guardam documentos originais e inéditos de Clarice e o público pode acessar detalhes da vida da escritora, cartas enviadas a Getúlio Vargas pedindo sua naturalização, correspondência entre ela e seu filho. Assim como diz Clarice que “a explicação do enigma é a repetição do enigma”, a exposição esclarece muitos detalhes e provoca novos mistérios.

POR MÔNICA SALGADO

LIVRO

OS MELHORES CONTOS DE LOUCURA

Sob a organização de Flávio Moreira da Costa, aí está um livro de contos que apresenta a literatura como tema e a loucura como fio condutor e nos remete a reflexões psicanalíticas, ideológicas, históricas e políticas podendo nos levar para muito além... Vale a pena conferir e aguardar a resenha na revista Boletim!

POR MÔNICA SALGADO

FILMES

MEDOS PRIVADOS EM LUGARES PÚBLICOS

Com direção de Alain Resnais as carências, as fantasias e a solidão secreta dos personagens vão sendo reveladas lentamente. Será possível sentir-se sozinho em Paris, cidade-luz que transpira romance e induz ao amor? Essa premissa parece passar longe de todos os protagonistas desse filme que ao expor a solidão e a busca de um sentimento de conforto que vem com o amor, mostra também o fracasso de seus relacionamentos sociais. Vidas duplas, comportamentos falsos e uma preocupação com o que o outro pode pensar de seus medos mais íntimos fazem os personagens perambular em busca de algo que nem eles mesmos sabem o que em meio a encontros e desencontros que os fazem mais escapar de si mesmos.

POR MÔNICA SALGADO

A VIDA SECRETA DAS PALAVRAS

La Vida Secreta de las Palabras. Espanha, 2005. 115 min Direção: Isabel Coixet.

Com Sarah Pulley, Tim Robbins, Javier Cámara.

O que fazer quando temos a sensação que é melhor calarmos as dores que nos doem, pois, se falarmos, o choro incontrolável resultará numa inundação que certamente afogará não só a nós, mas aquele (a) que estiver ao nosso lado? O que fazer quando a vergonha de ser/estar é maior que o desejo de amar? Ao assistir a este filme pensei que há cicatrizes psíquicas de ferimentos tão profundo quanto aqueles marcados no corpo. Ser psicanalista talvez suponha saber nadar...

POR TELÊNIA M. SENNA HILL

CONTRA A PAREDE

Gegen die Wand . Alemanha/Turquia 2004.

Direção: Fatih Akin.

Muitas vezes, é preciso perder-se para poder re-encontrar-se. Aliás, perdemos para sempre o que mais desejamos, qualquer encontro é sempre um re-encontro. Não foi Lacan quem disse: “Eu não procuro, eu acho.”? Cahit nega buscar a morte jogando seu carro contra a parede. Pensava não procurar, mas acabou achando: não a morte, mas um longo percurso no qual o amor por uma mulher o leva de volta à terra natal, à língua materna. Abre-se-lhe uma nova possibilidade de vida.

POR TELÊNIA M. SENNA HILL

TARTARUGAS PODEM VOAR

Dir. Bahman Ghobadi (Iraque)

Este belíssimo e trágico filme, que deveria ter um outro título: “a crônica de uma infância assassinada”, trata dos refugiados de guerra que vivem na fronteira entre o Iraque e a Turquia. Foi o que, praticamente, sobrou da limpeza étnica (curdos) perpetrada pelo Sr. Saddam Hussein, cuja maioria é de crianças. O filme é interpretado por elas (refugiados na vida real) e se situa nas vésperas da invasão americana. São os mutilados da guerra (física e mentalmente). A tragédia é visível nas mutilações mentais e corporais delas. São infâncias sem esperança e sem destino. Seria masoquismo assistirmos este filme (documentário)? Acho que não. Não podemos fechar os nossos olhos e achar que isto não esteja acontecendo. A guerra é sempre injusta, principalmente para as crianças que não vêem sentido. Por que estas crianças não estão brincando? E as nossas crianças? Estas perguntas eu deixo no ar. Este filme foi três vezes premiado (festival de San Sebastian, mostra internacional de São Paulo e festival de Berlin).

POR EDE DE OLIVEIRA SILVA

A VINGANÇA DE ALEXANDRA

Diretor: Rolf de Heer (australiano).

Filme de grande impacto emocional. Mostra a luta de Alexandra para sair da condição de eterno objeto do seu marido. Uma família aparentemente perfeita. Ele bem sucedido profissionalmente, ela pacata desenvolvendo suas atividades caseiras e cuidando de dois filhos maravilhosos e muito amados por ele. A aparência de felicidade paira no ar, mas não no rosto da Alexandra ou nos bastidores da vida do casal. A lá “Conde de Monte Cristo”, a esposa objeto põe em andamento uma vingança, arquitetada durante os anos de submissão, em seus mínimos detalhes. Com grande força dramática e com belas interpretações, nos deixando sem fôlego e de olhos bem abertos, vemos descortinar a vingança com toda a sua violência. Esta foi a condição possível para Alexandra ascender da condição de objeto para sujeito. Este filme foi premiado no festival de Berlin.

POR EDE DE OLIVEIRA SILVA

O HOMEM URSO

Diretor: Werner Herzog

O diretor, nosso conhecido de longa data que já nos tinha brindado com obras primas tais como: “O enigma de Kasper Hause, A cólera dos deuses e Fritzcaraldo”, acerta mais uma vez ao fazer um documentário de um documentário. Trata-se da vida de Sr. Timothy Treadwell que se rotulou defensor dos ursos que viviam numa reserva florestal no Alasca, sob a proteção de uma espécie de Ibama. Ele acampava anualmente, por todo verão, numa barraca rudimentar e de uma maneira ilegal, pois a reserva tinha a função de preservar a espécie de predadores maiores (humanos). Perdido no mundo, sem ter uma identidade própria, se identificou com os ursos através de uma intimidade nunca vista. Nomeava, falava e tocava os ursos como ele assim o fosse.

No seu delírio não via como era um ser estranho àquele ambiente e com isto não via as alterações no ecossistema em relação à falta de alimentos e que já estava sendo sinalizada pelos seus “irmãos”. Bem, o final é trágico, mas as cenas filmadas pelo Sr. Timothy são de uma beleza rara. O autor destas imagens acreditou em uma volta do homem à natureza e não via os perigos que lhe circundavam e a impossibilidade deste retorno. Desde que o homo habilis e o homo erectus desceram das arvores e se aventuraram pelas savanas (há dois milhões de ano), enveredaram por um caminho sem volta. O Sr. Werner retrata esta loucura ao fazer a montagem de 100 horas de filmagem nos anos em que o Sr. Timothy acreditou em ter se tornado um urso.

POR EDE DE OLIVEIRA SILVA

